

Artistas e empresas em novos tempos



A competente Banda Artimanha, com público certo, arregaçou as mangas e foi à luta, em busca de novos meios de produção para sua arte.

Uma característica nova se abriu em 85 nas artes brasilienses. Viciado na dependência dos órgãos oficiais nosso artista é formado em lamentação. Os anos de totalitarismo o acostumaram a exigir "verbas" mesmo quando seu trabalho não merecesse. Era a forma do Estado literalmente "pagar" pela vista grossa da crítica quanto a qualidade. Estabelecer uma suposta igualdade entre todos, pasteurizando o resultado final. E Brasília, também nisso, foi capital do Brasil.

A dependência herdada dos tempos de colonização fizera novos artistas, novos tratados, novas linguagens. Mas elas sempre foram adjacentes a dependência, a mordomia, a indiossincrasia do Poder. Ficou assim estabelecido que se podia pleitear financiamentos e até mesmo falar mal do Governo desde que se entendesse a censura e suas manhas. O artista, assim, ficava livre de batalhar novos meios de produção. Ao mesmo tempo em que aprendia nem sempre bem as lições profissionais, deixava de lado outros aprendizados. E alimentava o vício inicial. Um panorama que se completava com a convivência do empresário local também viciado em patrocinar somente obras e artistas importados.

Um grupo que tem literalmente ido a luta para mudar esse estado é o Artimanha. Competente banda com público certo, ela arregaçou as mangas e

foi pra rua. Não perdoou concertos, recitais, audições ou bailes. Atuou no Grog, casa que se identifica com qualidade em se tratando de música ao vivo, foi para o Parque da Cidade, animou o coquetel de inauguração de uma padaria.

O empresariado começa a entender que aplicando em cultura ele também pode ter um bom retorno institucional. E assim, começam a brotar coquetéis, transporte, cartazes, espaço em televisão ou rádio e até mesmo espetáculos produzidos diretamente por empresas da cidade. Isso ocorreu, por exemplo, no próprio caso do Artimanha, que ao se apresentar na inauguração da loja Pão e Companhia, abriu um espaço a mais seguindo uma trilha aberta durante o ano. Anteriormente um trio de jazz liderado pelo exímio guitarrista Paulo André, valorizava a inauguração da Praça da Moda, no Conjunto Nacional. E na performance realizada na exposição **O Espírito da Guerra e a Bomba da Paz**, de Woguer Hermuche, o farto buffet era servido pelo restaurante Panela Mágica.

Se os empresários realmente começaram a entender seu compromisso com seu público, seu consumidor, vai continuar em 86 ousando um pouco mais no sentido de se comprometerem mais com a idéia do que seja cultura. Um conceito erroneamente atribuído e esperado apenas dos órgãos oficiais. (Ary Pararrallos)